

Rita Camata foi cercada de gentilezas até por Ulysses

23 JAN 1987 ANC 88
Deputada faz sucesso pela
JORNAL DO BRASIL
beleza mas ninguém a ouve

Jorge Bastos Moreno

Brasília — Ela se considera “totalmente perdida e desorientada no meio de tanta confusão”. No seu primeiro dia de Congresso, como deputada eleita pelo estado do Espírito Santo, Rita Camata, apesar das muitas gentilezas que a cercaram, não conseguiu escapar da frustração: ela ficou decepcionada com o ambiente que encontrou, com a bancada do PMDB desarticulada e os veteranos discutindo cargos da Mesa.

— Não é por aí que vamos trabalhar — dizia ela. — Temos compromissos com as bases. Rita endossa as reivindicações dos deputados novos, os chamados de “Legião dos Anjos”, que estão articulando um movimento, mas por enquanto ainda não foi convidada a participar. Como eles, Rita reclama da ditadura do partido, que está decidindo tudo — o regimento da Constituinte e os cargos da Mesa. Mas, se lhe davam atenção, ninguém respondia a seus questionamentos políticos.

O siso do presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, rompeu no entanto o disciplinado sistema de audiência aos parlamentares e a fez passar à frente dos deputados, que não reclamaram dessa vez. Ulysses fez mais: saiu do seu fechado gabinete e foi recebê-la à porta da Presidência da Câmara, uma deferência que nenhum visitante — nem mesmo autoridades estrangeiras — mereceu até hoje.

A copa do gabinete do presidente, fechada no recesso, abriu para servir água e café para a deputada, enquanto um funcionário corria para comprar um maço de cigarros para Rita.

Os parlamentares a abordavam, perguntando logo pelo seu marido, o ex-governador Gerson Camata, agora eleito senador, que durante oito anos foi também deputado federal. Camata ficou em Vitória, cuidando da filha Enza, para que Rita pudesse vir a Brasília tratar da instalação de seu gabinete.

A frustração da deputada iniciou no de-

sembarque. No hotel começou a receber telefonemas dos candidatos a cargos da Mesa. Nenhum apresentou propostas, só pedia votos. Ela fora avisada por Camata de que ia ser assediada pelos candidatos. Assédio que, na verdade, começou logo após a proclamação das urnas.

Ainda em Vitória, Rita já recebia correspondência dos deputados que se apresentavam como candidatos a cargos da Mesa. Não recebeu a correspondência principal — o da convocação da reunião da bancada do PMDB no próximo dia 30, da qual só tomou conhecimento na ante-sala de Ulysses. “Como não me avisaram?” — cobrou ela do presidente.

— É assim mesmo. Todos nós, quando chegamos aqui, ficamos perdidos. Eu estou até hoje. Sou candidato a 3º-secretário da Mesa e não sei quem é meu concorrente. Por falar nisso, sou um modesto deputado do Piauí que gostaria de ter a honra de seu voto — apresentou-se logo o deputado Heráclito Fortes (PMDB-PI).

Marginalizada das discussões políticas, Rita Camata foi tratar das questões administrativas. Não teve também sucesso. O governador eleito de seu estado, Max Muro, prometeu-lhe o gabinete, mas em Brasília ela soube que havia sido cedido a outro deputado. O primeiro-secretário da Mesa, Haroldo Sanford, não cumpriu a promessa de ceder-lhe um dos gabinetes resultantes da divisão dos gabinetes dos deputados Magalhães Pinto e Nelson Marchezan — como ex-presidentes da casa, eles têm direito a gabinetes duplos. Restou-lhe procurar o gabinete do deputado Theodorico Ferraço (PFL-ES).

Foi aí que Rita constatou que, para os novos, o Congresso é uma coisa “muito complicada”. Cada deputado contrata uma secretária, que pode ser despedida se o chefe não for reeleito. A de Rita barganhou a estabilidade de emprego com as chaves do gabinete. A secretária só entrega a chave para quem se dispuser a contratá-la.